

QUESTÃO AMBIENTAL E TRADIÇÃO CRISTÃ.

Emílio Eigenheer & Sonia Moraes – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo: O cristianismo, como outras religiões, explica a criação do mundo como ato perfeito de Deus, que também criou o homem e o incumbiu de cultivar e zelar pelo jardim do Éden (Gn 2: 1-3; 15).

Palavras-chave: Cristianismo, Ecologia.

Abstract: The Christianity, as other religions, explains the creation of the world as perfect act of God, who also created the man and charged him to cultivate and to watch over for the garden of the Éden (Gn 2: 1-3; 15).

Keywords: Christianity, Ecology.

A origem do pensamento cristão mescla-se ao surgimento da sociedade ocidental. Sua influência pode ser identificada no estudo da história, literatura, filosofia, arte e arquitetura da Europa e suas áreas de influência. Compreender os fundamentos do cristianismo é pré-requisito para pensar a cultura ocidental, de que fazemos parte.

O cristianismo, como outras religiões, explica a criação do mundo como ato perfeito de Deus, que também criou o homem e o incumbiu de cultivar e zelar pelo jardim do Éden (Gn 2: 1-3; 15).

A relação harmoniosa entre homem e natureza foi quebrada após a queda, e a partir de então o mundo deixa de ser apenas expressão da criação perfeita de Deus, para também representar o espaço decaído em que vive o homem e onde ele dá vazão à sua concupiscência. A visão dualista prevalecente no cristianismo, que coloca em oposição bem e mal, céu e terra, sagrado e profano, insere o mundo após a queda no espaço do profano, por ter sido desonrado pelo pecado do homem e por abrigar o Diabo, expulso do céu. O mundo, corrompido à vista de Deus, é destruído pelo dilúvio, conforme narrativa em Gênesis (Gn 6:11).

Essa visão do mundo como lugar impuro, contudo, alterna-se, no texto do Antigo Testamento, com outra, que lhe é oposta, em que o resgate da sacralidade da terra se dá pela ação direta de Deus, por sua manifestação – como nos momentos em que ele se revela aos profetas e orienta a migração para Canaã – a Terra Prometida -, através do deserto.

O livro dos Salmos também registra momentos em que o homem reconhece na natureza a perfeição e a bondade de Deus, o que, de certo

modo, resgata o aspecto positivo da criação intocada pelo homem. (Salmos 19, 95, 104)

Mas o cristianismo – principalmente em sua vertente evangélica – firma-se com maior vigor no Novo Testamento e na ação de Cristo, que encarna Deus e que em seus momentos finais declara: “O meu reino não é deste mundo.” (Jo 18:35).

A leitura descuidada pode levar à interpretação de que para Cristo o mundo terreno não tem qualquer valor, mas apenas o reino dos céus. É plausível pensar que a palavra mundo, nessa afirmação não se refira à natureza, ao conjunto da criação, mas à ordem política e social daquele momento. Mas muitas vezes a tradição utilizou e utiliza versículos isolados como esse para argumentar que a terra, o planeta, o mundo é espaço corrompido e que sua degradação pode ser encarada como encaminamento dos planos de Deus. Se assim for, por que o cristão deveria se ocupar de questões ecológicas?

O fato é que a temática ambiental não é ainda questão premente para as igrejas cristãs em geral ou evangélicas em particular, apesar de não ser estranha aos estudos teológicos. Decorre disso o fato de a educação ambiental ter nelas espaço restrito, ou mesmo inexistente em muitas denominações.

Ao que parece, tais limitações se dão mais por inércia diante de discussões que pouca ou nenhuma importância dispensa aos valores explícitos da doutrina cristã, do que pela ausência de conteúdo inserido em sua tradição.

Bem verdade que a educação ambiental no espaço laico, ao menos em nosso país, também tem avançado pouco. Diante da esmagadora força da sociedade de consumo, de marcantes diferenças ideológicas e filosóficas, o discurso ecológico parece não encontrar o tom adequado junto aos diversos segmentos sociais para apresentar princípios como sustentabilidade, simplicidade voluntária, redução de consumo, respeito e zelo à natureza – idéias que ainda soam como exóticas, mesmo no espaço acadêmico.

Ao buscar fundamentação valorativa em concepções holísticas freqüentemente de tradição oriental, os propósitos dos educadores ambientais acabam não se consolidando em circuitos mais amplos, ou encontrando pouca repercussão notadamente nos espaços de tradição judaico-cristã. Mais que isso, a ênfase dada às tradições orientais parece explicar, em certa medida, o inexpressivo espaço que se dispensa à reflexão sobre possíveis contribuições que a tradição judaico-cristã pode representar às questões ecológicas.

Um simples exemplo pode ilustrar essa situação. No discurso ambientalista são comuns slogans como “vamos salvar a Terra”, que parecem ir frontalmente contra a escatologia cristã, ou o dualismo apresentado na narrativa da criação, que opõe céus (espaço sagrado) e terra (espaço profano,

decaído), como apresentado acima. Não se trata aqui, porém, de prescrever um embate teológico, mas de discutir uma questão prática.

As igrejas evangélicas em particular e as cristãs em geral desempenham papel importante em nossa cultura, o que por si justifica atenção e estudo sobre suas orientações e práticas, inserindo-as no contexto das discussões ecológicas. Questões ambientais prementes pedem respostas de longo prazo, mas também ações imediatas, que os valores e os espaços cristãos estão em condições favoráveis, em ambos os casos, de sinalizar e orientar, a despeito do pessimismo intrínseco à doutrina cristã e mais especificamente à sua escatologia.

Analisando, como exemplo, o problema do tratamento de resíduos sólidos (lixo), não é difícil perceber que os avanços em termos globais são insuficientes. Cercado de estigmas e tabus (ligados principalmente ao da morte, que se estende à degenerescência em geral, de corpos e objetos)¹, o destino do lixo não desperta o interesse devido e o engajamento, quando ocorre, não vai muito além de esforços pela reciclagem. Neste caso, paradoxalmente, reforçam-se valores correntes na sociedade de consumo, que vê com bons olhos a redução de custos na produção, pela economia de energia e matéria-prima. A reciclagem reforça também o antigo sonho do eterno retorno.

Pouco se fala e menos se avança na discussão sobre mudanças nos hábitos da população que venham a contribuir para a prática do consumo consciente que traga como consequência a redução na produção de resíduos sólidos e/ ou reutilização dos mesmos. O resultado desta negligência tem sido a grande quantidade de resíduos, lançados em lixões, cursos de água ou queimados a céu aberto.

Sobre essa questão específica, a tradição cristã tem como contribuir, estimulando, quem sabe, a reflexão e a mudança de hábitos. Reconhecendo que o cristão considera a Bíblia como regra única de fé e prática, é fácil perceber a possibilidade que se abriria para a criação de um novo paradigma cristão que sustente novas práticas, se os porta-vozes das igrejas – refiro-me aos sermões dominicais preparados pelos ministros ordenados nas paróquias locais – dispensassem atenção e refletissem com seus fiéis sobre o milagre da multiplicação dos pães, conforme registrado em João 6, com destaque para o versículo 12: “E quando já estavam fartos, disse Jesus aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca.” A preocupação manifesta por Cristo é um estímulo ao combate do desperdício e se afina com

¹ EIGENHEER, E. *Lixo, Vanitas e Morte*: considerações de um observador de resíduos. Niterói: EdUFF, 2003, onde a questão dos resíduos é tratada em seus aspectos históricos e culturais, com destaque aos tabus ligados ao lixo que remetem ao temor da morte.

a perspectiva da administração responsável, da mordomia – em linguagem evangélica.²

Outro aspecto relevante, sobre as referências originais da tradição cristã é que ela se desenvolve a partir do imaginário de um mundo rural. Sua simbologia básica – água, céus, vales, ovelhas, etc. – remete à natureza. Sermões, publicações, comentários bíblicos e mesmo a hinologia cristã, retirando dessas imagens sua inspiração, exaltam as obras de Deus e pouco valor atribuem à obra humana, vista como efêmera, imperfeita, marcada originalmente pela degenerescência.

Ora, a cidade é obra humana e a sociedade industrial, mãe da urbanização acelerada. É com o nascimento desse tipo de sociedade que os problemas ambientais se avolumam, ultrapassando os limites urbanos e degradando também o campo, a natureza, por extensão, obscurecendo o testemunho que ela presta sobre a obra perfeita de Deus. O mundo, o conjunto da criação não é em si espaço decaído, mas perdeu sua dimensão sagrada pelo descuido do homem, que não zelou por ele.

Essa oposição campo e cidade, vida rural e vida urbana parece acompanhar a polarização inconciliável entre bem e mal, presente na religião cristã. No cristianismo, não há espaço para o meio-termo, o caminho intermediário. A valorização da vida simples do campo, mais difícil e trabalhosa, além de pura, honesta e autêntica funciona como metáfora do caminho espiritual, igualmente difícil, mas que leva aos céus.

Há poucas décadas era comum encontrar-se nas salas de lares cristãos o quadro que ilustrava “os dois caminhos” (Mt 8: 13-14; Lc 13: 24). De influência pietista, esta obra de 1860 mostra o caminho estreito da salvação, basicamente com imagens rurais em que o verde predomina, em oposição ao caminho, largo, marcadamente urbano que conduz à perdição. Não se trata de apologia a uma determinada época, ou de se propor regressões históricas, mas apenas de sinalizar indícios de possíveis contribuições que a tradição cristã, inclusive em sua iconografia, pode representar na discussão sobre temas ecológicos.

Não se pode negligenciar o papel que a tradição religiosa representa na formação e instauração de hábitos. Criticada e combatida pelo racionalismo iluminista, ela não deixou de cumprir seu papel de orientadora de práticas, principalmente entre os segmentos mais populares da sociedade, no oriente ou no ocidente.

A sacralidade da água, na Alemanha, seria a responsável pelo início da conscientização ambiental, na década de 50, naquele país, notadamente no

² Reflexão sobre o versículo, a partir de uma perspectiva ecológica foi realizada pelo Centro de Informação sobre Resíduos Sólidos da Universidade Federal Fluminense (Anexo I)

trato dos lixões que ameaçavam os mananciais subterrâneos, conforme pesquisador da Agência Federal do Meio Ambiente (Umweltbundesamt)³.

Anthony Giddens figura entre os pensadores contemporâneos que considera importante retomar a tradição, mesmo que revisitada e ressignificada, ao buscar encaminhamentos para a crise sistêmica que o mundo enfrenta e que engloba a questão ecológica.

O que a tradição tem de distintivo é que ela define um tipo de verdade. Uma pessoa que segue uma prática tradicional não cogita de alternativas.

(...)

No meu entender, é inteiramente racional reconhecer que as tradições são necessárias numa sociedade. E não deveríamos aceitar a idéia do Iluminismo de que o mundo deveria se desvencilhar por completo da tradição. As tradições são necessárias, e persistirão sempre, porque dão continuidade e forma à vida⁴.

A importância da tradição, do mito na construção de paradigmas é inquestionável e cumpre papel de referenciar práticas. Ainda assim subsiste o espaço da autonomia e da liberdade que permitem garantir a tomada de decisão e mesmo a mudança de paradigmas.

Não se trata, portanto, de promover o reavivamento fundamentalista, nem tampouco de “falsificar” seu conteúdo original. O que se considera, ao tocar nesse aspecto da produção cultural, é a possibilidade de criação de novas práticas, mais comprometidas com os problemas contemporâneos, de recuperação da ética cristã para além das relações humanas. A contribuição pode ser dupla, pois também atualiza o papel institucional, tornando-o mais relevante e presente na vida dos fiéis.

Ora, a força que a tradição bíblica pode emprestar a estas ações é considerável. Que estímulo melhor se pode encontrar para a ação consciente, o compromisso do cristão-cidadão que a reflexão de Paulo, em carta à igreja de Colossos: *Tudo quanto fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus... fazei-o de todo coração, como para o Senhor e não para os homens*. Col 3: 17,23

Impossível ignorar a contribuição que a releitura da parábola do administrador infiel, ou das dez minas, registradas respectivamente em Lucas 16 e 19, sob perspectiva da ética cristã e da questão ecológica pode representar.

³ WIEDEMANN, H. *Lixo na Alemanha*. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro Editora, 1999.

⁴ GIDDENS, A. *Mundo em descontrolo*. Rio de Janeiro, Record, 2000.

O discurso ecológico talvez seja, em alguns aspectos, tão pessimista quanto a escatologia cristã, mas mantém compromisso com a vida e aposta na capacidade criativa do ser humano. Imaginar que a tradição precise negar esse compromisso, sob a justificativa de que seu único compromisso é com a salvação da alma seria reduzir sua importância na organização da vida secular e na manutenção dela, mesmo em tempos de adversidade. A Igreja, como instituição, tem subsistido através do seu tempo porque tem se atualizado e repensado historicamente seu sentido, sua missão.

Não é difícil perceber na leitura da Bíblia, que o interesse de Deus pelo homem não é muito distinto de seu interesse pela terra, que também é sua criação. Essa é uma dedução válida se considerarmos, por exemplo, a narrativa mítica do dilúvio, em que cada espécie animal foi preservada juntamente com a família de Noé. A terra ficou submersa, mas os animais foram poupados, da mesma forma que a espécie humana! Quanto aos recursos, eles foram recuperados para que essa nova aposta no homem tivesse chances de êxito.

A narrativa acerca do sofrimento de Jó talvez seja ainda mais eloquente. Ao questionar a causa de seus sofrimentos, argumentando que eles lhe sobrevieram sem que houvesse causa, a resposta que houve de Deus, narrada ao longo de quatro capítulos, não é mais que um inventário das obras e responsabilidades que tem para com a totalidade de sua criação – animais, aves, águas, montanhas...

O texto faz pensar que a salvação da espécie humana não pode ser considerada a única preocupação divina. Logo, o zelo pela criação não pode ser considerado estranho ao pensamento teológico.

Sempre haverá os que argumentarão que a tradição judaico-cristã sustenta que o destino dos homens é determinado por Deus. Mas também não há como negar a importância do papel do homem, principalmente aqueles que foram identificados pelo próprio Deus como sendo dignos de confiança no cumprimento de missões por ele designadas.

Veja-se o caso da destruição de Sodoma e Gomorra. Apesar de decidido a destruí-la, por sua iniquidade, Deus considera a proposta de Abraão de suspender o juízo, caso ali fossem encontrados ao menos dez justos. Não foi o caso, mas houve negociação.

Além da narrativa positiva de reconstrução da vida, após o dilúvio, encontram-se no Novo Testamento, exemplos positivos da instauração de novas práticas orientadas pela partilha, conforme os registros do livro dos Atos.

A realidade, após a morte, ressurreição e ascensão de Cristo, passara por transformações e a crise deflagrada com as perseguições instituídas pelo

Império Romano impunha a necessidade de criar alternativas para que a Igreja continuasse a existir.

Por que não recuperar essa experiência ao discutir a necessidade de saídas para as crises atuais? Por que não inserir a preocupação com o consumo consciente ao recuperar a experiências dos primeiros tempos da Igreja? *Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía... então se distribuía a qualquer à medida que alguém tinha necessidade.* At 4: 32, 35

Até mesmo a questão da finitude humana, tão forte na tradição cristã, pode contribuir para desenvolver o compromisso com a utilização responsável dos recursos, a partir da prática do consumo consciente. Recuperar a dimensão da morte é contribuir para o exercício da simplicidade voluntária. Elgin Duane tratou deste tema em sua obra *Simplicidade voluntária*⁵.

⁵ DUANE, E. *Simplicidade voluntária*. São Paulo, Cultrix, 2ª. Ed., 2004.